
Música, mídia e memória na diáspora okinawana em Cuiabá¹

Yaemi YAMAUCHI²
Yuji GUSHIKEN³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

No modelo de estudos da comunicação como cultura, este trabalho investiga a interface entre consumo midiático e memória na diáspora okinawana em Cuiabá, capital de Mato Grosso, Brasil. Evidencia-se o consumo de música popular das Ilhas Ryukyu por uma família de imigrantes, na medida em que canções folclóricas okinawanas se transformam em produtos culturais na modernização do estado nacional japonês e de sua indústria fonográfica no século XX. No âmbito da música popular, memórias okinawanas e ryukyuanas em gêneros musicais midiáticos como shimauta e minyo apresentam as contradições simbólicas que advêm dos conflitos históricos da anexação de Okinawa e do arquipélago Ryukyu pelo estado japonês desde o século XIX e pela presença de bases militares dos EUA em território okinawano após a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Comunicação; música; memória; diáspora okinawana; Cuiabá.

Introdução

No campo da comunicação, em perspectiva interdisciplinar de pesquisa, investiga-se neste trabalho a relação entre consumo de produtos midiáticos e memória da diáspora okinawana, tendo como foco de estudos práticas culturais de uma família de origem okinawana em Cuiabá, capital de Mato Grosso, no Centro-Oeste brasileiro. A pesquisa insere-se num conjunto de trabalhos em duas vertentes: a) a primeira, a partir

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática IJ06: Interfaces Comunicacionais no Intercom Júnior, XIV Jornada de Iniciação Científica, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 02 a 08 de setembro de 2018 na Universidade da Região de Joinville (Univille), em Joinville, Santa Catarina, Brasil. Trabalho desenvolvido no Projeto de Pesquisa em Comunicação e Cidade: Interfaces Interdisciplinares (Propeq-UFMT/2016-2018) e no Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT).

² Estudante de graduação em Comunicação Social (Radialismo) da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT/Cuiabá. Email: yaemiy@gmail.com. Bolsista de Iniciação Científica (Pibic-CNPq/Propeq-UFMT).

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT (PPGECCO-UFMT). Email: yug@uol.com.br.

do modelo de estudos da comunicação como cultura (LIMA, 2001, p. 38-39), considerando a interface entre os campos da cultura e da comunicação; b) a segunda vertente refere-se a recentes trabalhos que tem buscado revisar, nas ciências sociais e humanas, a questão étnica okinawana no bojo da modernização japonesa (ALARCÓN-JIMÉNEZ, 2009, 2010; RABSON, 2012; CHO, 2014; SANTAMARIA, 2018), da diáspora okinawana pelo mundo (TERUYA, 2014) e da imigração “japonesa”/okinawana no Brasil (SOUZA, 2009; HIGA, 2015; KANESHIRO, 2015; PIRES, 2016).

A imigração okinawana, considerada em sua condição diaspórica, registra-se ao longo do século XX para países da Ásia (Filipinas, Taiwan) e das Américas (México, Argentina, Peru, Bolívia, Cuba, EUA, Canadá e Brasil). A caracterização diaspórica da imigração marca-se pelo deslocamento forçado de amplas faixas da população, principalmente ao longo do século XX.

No caso okinawano, consideram-se acontecimentos históricos que passam pela política de anexação das ilhas Ryukyu pelo que veio a se consolidar como o estado nacional japonês entre os séculos XIX e XX e pelo posterior assentamento de bases militares em Okinawa pelo Exército americano no pós-Segunda Guerra Mundial, considerando-se ainda os inúmeros problemas relacionados à pobreza e situação de fome a que a população de Okinawa foi submetida após os conflitos pela exploração do Pacífico pelas potências então emergentes.

No Brasil, muitas das memórias dos imigrantes okinawanos se registram no bojo da “imigração japonesa”, o que contribuiu para a minimização da singularidade étnica okinawana nas referências históricas feitas a uma identidade nacional nipônica. Interessa-nos, nesta pesquisa, a memória de okinawanos em perspectiva comunicacional, na medida em que imigrantes desenvolveram práticas culturais, incluindo práticas de consumo midiático, como modos de reinvenção de suas subjetividades em território brasileiro.

Consideram-se as condições históricas e geográficas desta memória diaspórica de okinawanos em Cuiabá, cidade de origem garimpeira do Ciclo do Ouro no século XVIII, incrustada no sertão de Mato Grosso, entre o cerrado e o Pantanal, no Centro

Geodésico da América do Sul. Desde o século XIX, a cidade recebeu levadas de imigrantes estrangeiros: sírios, libaneses, judeus, italianos, portugueses, japoneses, okinawanos, entre outros. Estes imigrantes vieram constituir, com seus descendentes e demais grupos étnicos, uma sociedade historicamente disposta às relações interculturais no sertão do Centro-Oeste brasileiro.

No modelo de pesquisa da “comunicação como cultura”, comunicação é definida como “processo simbólico pelo qual a realidade é produzida, restaurada ou transformada (LIMA, 2001, p. 38). A categoria de análise é a prática de consumo midiático, em especial consumo musical, considerando memórias construídas no processo de produção, circulação e consumo de música folclórica de Okinawa.

Nessa perspectiva teórica, a questão de pesquisa centra-se nas memórias de okinawanos através do consumo de gêneros musicais que designam a transformação das tradições folclóricas em produtos da indústria japonesa de entretenimento. A vinculação de imigrantes através da música constituiu o cotidiano de okinawanos na capital de Mato Grosso na passagem do século XX ao XXI e as práticas culturais que evidenciam a busca pela reinvenção de memórias como condição de subjetivação em terra estrangeira.

Virtuais memórias okinawanas emergem através de músicas populares gravadas no âmbito da indústria cultural japonesa e que chegam ao Brasil através dos processos migratórios (no século XX no sentido Japão-Brasil e, na virada do século XX ao XXI, nos dois sentidos Brasil-Japão e retorno Japão-Brasil) e das exportações de produtos da indústria midiática (embora dirigida a um público específico de consumidores).

Nesta pesquisa, buscamos uma aproximação com imigrantes okinawanos e seus descendentes, através da aplicação de entrevistas semiestruturadas, mas que ganhou no processo de investigação o formato mais adequado de entrevistas abertas. As condições de pesquisa também impuseram tratar a materialidade midiática das fitas cassete como fontes primárias, que induziram a uma investigação sobre a cultura okinawana de modo mais amplo, em depoimentos e informações encontradas em sites disponíveis na internet.

Gêneros musicais: Distinções conceituais

A música que buscamos “garimpar” entre objetos de uma família imigrante encontram-se gravadas em produtos midiáticos do século XX: fitas cassete, em décadas passadas ouvidas em eventos de famílias de okinawanos que internamente migraram em geral de São Paulo para Cuiabá. Na perspectiva da comunicação como cultura (LIMA, 2001), considera-se a prática de ouvir música e a prática gastronômica, em sua dimensão comunitária, como modos de se produzir, restaurar ou transformar a realidade em que vivem imigrantes através de práticas culturais.

Na diáspora de okinawanos pelo mundo, Yamauchi (山内) é um dos sobrenomes que identificam família com origem na ilha de Okinawa. Shinju Yamauchi, nascido em Okinawa, completou 80 anos em 2018, dos quais quase 60 anos vividos no Brasil, especificamente em Cuiabá e Várzea Grande. Apesar de mais de meio século vivendo no Brasil, o senhor Shinju, ao conversar em português, ainda apresenta forte sotaque de imigrante estrangeiro.

A residência de Shinju Yamauchi⁴ apresenta elementos visuais da cultura okinawana. O espaço da varanda e do quintal, espacialidades típicas na arquitetura e no modo de habitar cuiabano e varzea-grandense, comporta uma assinatura estrangeira: ali ele e a esposa cultivam plantas que constituem parte do imaginário de Okinawa, como o goyá e o shibui, matérias-primas de pratos típicos da culinária popular okinawana, como o goyá champuru e o missoshiro de shibui.

Na sala de visitas há um grande armário com dezenas de fitas cassete de músicas “japonesas”. Duas fitas eram especificamente de músicas referenciadas à cultura ryukyuna e okinawana, embora chegassem ao mercado fonográfico da década de 1980 e 1990 como produtos “feitos no Japão”. Shinju e sua esposa Mitiko Yamauchi, imigrantes no Brasil, com residência em Cuiabá desde a década de 1970, fizeram o caminho de retorno ao Japão, onde passaram dez anos trabalhando. Eles compraram as fitas em Naha, capital de Okinawa, em 1999, pouco antes de retornarem ao Brasil e a Cuiabá, cidade onde a maioria dos filhos nasceu e foi criada.

As fitas, guardadas por quase vinte anos na residência, indicam uma prática de

⁴ Avô paterno da aluna-pesquisadora Yaemi Yamauchi.

consumo midiático entre imigrantes okinawanos, mas também em que medida as dinâmicas da comunicação midiática registram as tensões historicamente produzidas pela anexação das ilhas Ryukyu ao Japão. Uma fita remete ao gênero *minyo* e outra fita ao gênero *shimauta*. As capas das duas fitas apresentam informações em caracteres japoneses: hiragana e kanji, dois dos silabários usados na língua japonesa. Uma delas possui 16 músicas divididas entre os lados A e B, com as músicas mais conhecidas e famosas do gênero “Okinawa *minyo*”. A distinção entre os gêneros, no entanto, apresenta-se dúbia e as informações históricas, nem sempre convergentes. Entre pesquisadores de vários países, a distinção entre *minyo* e *shimauta* aparece em geral imprecisa.

Para o musicólogo Matt Gillan, da International Christian University, em Tóquio, o *shimauta* (canção da ilha), é um termo genérico, usado para descrever música okinawana em geral, com data aproximada da década de 1970. O termo foi adotado da ilha de Amami e difundido em Okinawa sob influência de locutores de rádio e músicos. Gillan argumenta também que *minyo* é um termo geral, em japonês, traduzido do termo alemão “folklied”, e tem sido usado de modo muito fluido (GILLAN, 2012, p. 22)

O etnomusicólogo francês Yves Defrance (2014) anota que o gênero por ele considerado como shima-uta (a grafia em seu texto é separada por hífen) tem o primeiro registro discográfico em 1923, mas sem propósitos comerciais. Nos anos 1930, ele informa, foram gravados 50 discos de vinil e 78 gravações de canções shima-uta foram lançadas, sendo vendidas não apenas nas ilhas (entendemos que ele se refere a Amami e Okinawa), mas também em Tóquio, Osaka e mesmo no Brasil, onde ele afirma haver fortes comunidades com origem específica em Amami (DEFRANCE, 2014, p. 75). No entanto, o pesquisador francês não faz referência ao termo “*minyo*”.

Para a musicóloga espanhola Ana-Maria Alarcón-Jimenez, o advento do termo *shimauta* como “música folclórica de Okinawa”, na década de 1920, não contou com sua difusão antes da década de 1970. Desde a década de 1920, *minyo* era um termo usado na mídia japonesa para se referir a apresentações de canções populares. Como gênero musical, o *minyo* emergiu através da estandarização tanto da prática quanto do consumo musical (ALARCÓN-JIMÉNEZ, 20019, p. 12). O termo *minyo* tornou-se

amplamente aceito como referência a todo tipo de música folclórica japonesa, e não apenas okinawana. Assim, a origem do *minyo* refere-se aos processos de produção e consumo midiáticos relacionados, no Japão, às dinâmicas de migração da zona rural para as cidades, no qual músicas de transmissão oral passaram a ser registradas e difundidas através de canais midiáticos (ALARCÓN-JIMENEZ, 2009, p. 12-13).

No verbete “Japan”, do Oxford Music Online/Grove Music Online, Fumio Koizumi e David W. Hughes (2001), ponderam que “o conteúdo da categoria *minyo* não é fixa, havendo debate e desacordo entre estudiosos, assim como entre ouvintes e praticantes” (tradução nossa).⁵ Segundo os autores, a categoria musical *shimauta* inclui todo tipo de canção tradicional herdada principalmente pela transmissão oral por cantores não profissionais. Mas o *shimauta*, em sua amplitude, também enquadra arranjos e performances cantados por intérpretes de música folclórica, que também tocam instrumentos tradicionais.

A categoria *minyo* inclui ainda as chamadas “novas canções folclóricas” (*new folksongs*), composições do século XX com assinatura e autoria, em geral por profissionais e comissionados de comunidades rurais ou de empresas. O *minyo* passou a servir como “música publicitária”, tipo de música que no século passado passava a ser difundida em alto-falantes de estações de trem e em ambientes de danças comunitárias (KOIZUMI; HUGHES, 2001).

O compositor e instrumentista holandês Jan Laurents Hartong (2006), que foi professor de música do Conservatório de Roterdã, considera que “folk songs” (“canções folclóricas”), são chamadas de ‘*minyo*’ no Japão e na Coreia. Os temas recorrentes no *minyo* são o cotidiano nas aldeias, a agricultura e as pescarias. Mesmo as chamadas “novas canções” (*shin minyo*) apresentam temas nostálgicos e se referem também ao modo de vida rural. O termo “*shimauta*”, que no dialeto *uchinaguchi*, falado em Okinawa, refere-se à música popular, pode referir-se tanto à música folclórica como à música pop da indústria midiática. *Shimauta*, no entanto, faz referência a um gênero folclórico com origem específica na ilha de Amami, que constitui o conjunto de ilhas Ryukyu, das quais a maior é a ilha de Okinawa.

⁵ Disponível em www.oxfordmusiconline.com/groovemusic. Acesso em 25 jun. 2017,

Yamada Makoto e Steve Cother (2008), em estudo específico sobre o *shimauta* das ilhas do Sul do Japão, o que inclui Okinawa e Amami, argumentam que, após a Segunda Guerra Mundial, a soberania japonesa sobre as ilhas mais ao Sul e a interferência das Forças Armadas dos EUA em Okinawa ainda hoje promoveram problemas de várias caracterizações. A proibição de se usar a língua uchinaguchi, principalmente nas escolas, e a introdução de músicas de estilo ocidental no currículo escolar tiveram, como impacto, a diminuição na intensidade das relações dos habitantes das ilhas do Sul com suas próprias manifestações culturais (MAKOTO; COTHER, 2008).

A antropóloga coreana Sumi Cho, da Miyongi University, pontua em sua pesquisa sobre música e dança okinawanas na cidade de Osaka, no Japão, que em alguma medida o Okinawa *minyo* tornou-se conhecido da audiência Yamato (japonesa) a partir da década de 1950, tendo o cinema como fator de divulgação (CHO, 2014, p. 183).

A massificada utilização do termo japonizado *minyo*, em detrimento do termo *shimauta*, um termo de origem das línguas ryukyuanas, entre elas a falada especificamente em Amami como “dialeto”, portanto, reflete a hegemonia da cultura pop japonesa sobre o raio de ação e influência nipônica sobre as ilhas Ryukyu, anexadas em 1879, mas também uma centralidade de Okinawa entre as demais ilhas Ryukyu.

Sinaliza-se neste processo a modernização do estado nacional japonês, no qual se registra a transformação da música folclórica, em geral oriunda das comunidades rurais e de domínio público, para a espetacularização da “música de palco”, o que inclui os processos de organização e a emergência de uma experiência de vida urbana. O termo *minyo* também foi reforçado nos espaços de legitimação social, o que inclui o uso do termo pela academia japonesa, ao referenciar a música folclórica pelo termo mais conveniente para a formação do estado nacional japonês. Ao longo do século XX, a radiodifusão japonesa, em especial através de programas de rádio, a partir de 1947, pela empresa NHK, sediada em Tóquio, também contribuiu para a consolidação do termo *minyo* em larga escala para uma audiência massiva.

Minyo e shimauta: memórias okinawanas e ryukyuanas

Conforme os conflitos conceituais e históricos, não é por acaso que *minyo*, na leitura genérica feita por imigrantes okinawanos no Brasil, é um termo que em língua japonesa designa também um produto midiático mercadologicamente reproduzido na indústria cultural do Japão, mas que inclui, no projeto de construção nacional, músicas folclóricas tanto do Japão quanto de Okinawa e das demais ilhas anexadas.

As duas fitas encontradas na residência de Shinju Yamauchi apresentam um conjunto de canções que evidenciam as condições de produção, circulação e consumo de música no território japonês ao longo do século XX. Algumas canções têm melodias que remetem diretamente ao folclore okinawano, mas que são reconhecidas, dada a força da difusão da cultura pop japonesa, como *minyo* ou Okinawa *Minyo*.

Na melodia do Okinawa *minyo*, a sonoridade do *sanshin*, instrumento de cordas, se inscreve também como marcador cultural de uma certa “okinawanidade”, a assinatura da diferença com relação à cultura propriamente japonesa (*mainland*). Algumas canções deste Okinawa *minyo* são cantadas em *uchinaguchi*, língua falada em Okinawa desde antes da anexação das ilhas Ryukyu pelo estado nacional japonês, e que haviam sido proibidas de serem usadas nas escolas após a Segunda Guerra Mundial.

A vocalização aguda, que também marca a música folclórica das ilhas Ryukyu, o que inclui a originada em Amami, distingue nas duas fitas a caracterização ryukyuna do *shimauta*, embora a designação deste gênero se confunda com a designação *minyo*, na japanização das culturas populares tanto nas *mainlands* (ilhas principais) como nas ilhas Ryukyu. A melodia de origem okinawana, cantada em língua japonesa ou em *uchinaguchi*, ou ainda misturando ambas as línguas, evidencia as dinâmicas interculturais que a formação da nação japonesa como “comunidade imaginada” instituiu sobre os modos de expressão do imaginário de Okinawa e das demais ilhas Ryukyu.

Na fita número 02, à qual daremos ênfase, a primeira canção gravada tem o título de “Shima Uta” (grafada separadamente), composição da banda japonesa de rock “The Boom”. A canção é conhecida no âmbito da cultura pop japonesa como “música de Okinawa”, mas que constitui uma representação parcial dos modos como a

hegemonia da cultura das *mainlands* (ilhas principais do Japão) instituiu-se sobre o território ocupado das ilhas Ryukyu, onde se localiza a ilha de Okinawa. As demais canções, num total de 16 registros, podem ser identificadas como “músicas de Okinawa”, cujos marcadores são a melodia, a vocalização aguda e o uso de sanshin. As canções são cantadas na língua uchinaguchi, de Okinawa, mas pelo menos duas das canções são cantadas em língua japonesa e em outra misturam-se palavras em uchinaguchi e em japonês.

A fita número 02 remete quase que totalmente ao imaginário okinawano e às representações do chamado “espírito uchinanchu”, através de composições com linguagem coloquial e sempre ao ritmo do sanshin. No geral, as letras mencionam marcadores culturais e memórias relacionadas à ilha de Okinawa: o *basho-fu* (tecido utilizado na confecção de figurinos femininos de dança), o sentido de “morar na ilha” e de fazer parte da diáspora dos habitantes para lugares longínquos e também sobre as características boêmias presentes na vida dos okinawanos.

As fitas, esquecidas no armário até mesmo pelas transformações tecnológicas das mídias digitais, contém um valor cultural afetivo e identitário. A música, no caso, torna-se a memória possível ao imigrante em terra estrangeira e a seus descendentes de primeira, segunda e até mesmo terceira e quarta geração.

Na perspectiva da comunicação, a música gravada na tecnologia da fita cassete carrega pistas para se compreender os modos como imigrantes buscavam reproduzir memórias da ilha onde nasceram, localizada no Oceano Pacífico, agora residindo numa cidade localizada geograficamente no Centro Geodésico da América do Sul, no sertão de Mato Grosso, num ponto equidistante entre os litorais dos oceanos Atlântico e Pacífico.

Memórias de família, no caso, se apoiam numa memória histórica, que reflete uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990), na medida em que a reprodução musical pela indústria fonográfica constitui a imaginação de amplas faixas da população. A constituição de um imaginário musical comum favorece a produção de uma memória coletiva, que passa a incidir nos modos como os indivíduos processam suas memórias individualmente. O consumo de produtos midiáticos, que tornam-se

obsoletos tecnologicamente e são esquecidos num canto da casa, carrega virtualmente memórias musicais relacionadas ao que cada região designa singularmente como produto cultural.

Os termos *minyo* e *shimauta* não são totalmente claros, mesmo para estudiosos da cultura japonesa e okinawana, considerando que boa parte dos pesquisadores são estrangeiros e que a compreensão do desenvolvimento histórico dos gêneros musicais populares no Japão e em Okinawa vem se processando em boa parte em instituições de pesquisa fora do território japonês e ryukyano, por pesquisadores descendentes ou não de imigrantes nipônicos ou *uchinanchu*, e quando são trata-se de descendentes que em ampla medida apenas agora retomam a lida mais constante com a história ryukyana.

As fitas cassete encontradas na residência de um imigrante, uma do gênero *minyo* e outra do gênero *shimauta*, tornam-se indicadores das tensões culturais produzidas historicamente na anexação das Ilhas Ryukyu ao estado nacional japonês. *Minyo* e *shimauta* constituem, ambas, o repertório de uma indústria cultural nipônica, desde a década de 1920, período em que o Japão passava pela sua experiência de modernização geral e, em especial, midiática.

Os processos de registros fonográficos e a produção de um repertório massivo fez confundir as músicas folclóricas em suas origens. O termo Okinawa *minyo*, no caso, contribuiu para enquadrar as canções de origem okinawana no repertório de música popular massiva “japonesa”. O termo *shimauta*, de origem em Amami, tem laços de proximidade com a música de Okinawa, sendo difundido entre por e entre okinawanos, mas chegando também às *mainlands*.

Portanto, o termo *minyo* refere-se à modernização geral e especificamente a modernização midiática no Japão, que difunde sua indústria cultural ao longo do século XX, para o seu território nacional. O *shimauta* de Amami conecta-se simbolicamente a Okinawa e tratado por semelhança com o Okinawa *minyo* ou com ele se confundindo na percepção do público consumidor. A condição difusa dos gêneros musicais reflete as relações históricas em que a cultura massiva das *mainlands* (ilhas centrais do Japão) se sobressaem como produtos do mercado fonográfico japonês.

O *minyo* é entoado de formas diferentes em todo o Japão. No Japão central ele é

difundido principalmente com o instrumento *shamisen*, em festivais, funerais e casamentos. O *minyo* de Okinawa é performado com uso de *sanshin*, cantado em pequenas reuniões, em bares e restaurantes, fazendo com que o *shimauta* okinawano ou, no termo japonizado, *minyo* de Okinawa, seja uma forma de identificação entre os okinawanos na diáspora mundo afora.

Okinawanos: Da ilha no Pacífico ao Centro Geodésico da América do Sul

Okinawa⁶ é a maior ilha do conjunto de ilhas que formam o arquipélago de Ryukyu, localizado no Oceano Pacífico, ao sul do Japão e ao norte de Taiwan. É banhado pelo mar da China em sua parte oeste e mar das Filipinas na parte leste. Okinawa é uma das 47 prefeituras (divisões administrativas) que constituem o Japão. A Prefeitura de Okinawa é constituída pelas ilhas de Okinawa, Yaeyama e Miyako, sendo que a capital de Okinawa é a cidade de Naha.

Okinawa se refere ainda ao conjunto de quatro ilhas que constituíam o Reino de Eyukyu, que incluía as ilhas de Okinawa, Yaeyama, Miyako e, também, Amami. Especificamente, Amami pertence hoje à região administrativa da Prefeitura de Kagoshima. Por isto, na leitura da espanhola Ana-Maria Alarcón-Jimenez (2009), é pouco claro se o termo Okinawa inclui as ilhas Amami, assim como o termo Ryukyu inclui. O Reino de Ryukyu existiu por um período de aproximadamente cinco séculos, entre o ano de 1300 ao começo do período Meiji, em 1868. Embora autônomo, Ryukyu era um reino tributário da China, até que em 1609 o clã Satsuma, aliado político do shogunato Tokugawa, invadiu o Reino. As ilhas Amami, embora sob domínio do clã Satsuma, manteve laços estreitos com as ilhas Ryukyu (ALARCÓN-JIMNEZEZ, 2009, p. 6)

Okinawa foi anexada ao Japão em 1879, e desde então os conflitos culturais se produziram na relação entre identidade nacional japonesa e subjetividades da diferença okinawana, considerando ainda a singularidade das demais ilhas. Okinawa possui uma posição estratégica no Oceano Pacífico, com vários países a sua volta como Japão, Coreia, China, Filipinas e Indonésia. Historicamente, a ilha tornou-se um forte ponto de

⁶ “Uchiná” no dialeto local. Se pronuncia: U-ti-ná.

comércio, recebendo influências culturais de outras regiões, com localização cobiçada para ser estabelecida em guerras e batalhas.

Em 1875, oito anos após o início da Era Meiji⁷, o Reino Ryukyu foi abolido para que cooperasse com o sistema político do Japão. Já em 1879, o governo japonês anexou formalmente Okinawa ao Japão, estabelecendo a prefeitura de Okinawa e nomeando o primeiro governador. Okinawa passou a experimentar a modernização imposta pelo estado japonês, até que a Batalha de Okinawa, durante a Segunda Guerra Mundial, causasse grandes danos à província e à população em geral.

Okinawa ficou totalmente devastada com o fim da guerra. Parte da população havia morrido durante as batalhas, dezenas de pessoas cometeram suicídio e muitas estavam morrendo de fome. Durante os 27 anos seguintes após o fim da guerra, Okinawa ficou sob a administração dos EUA, recebendo influências norte-americanas. De acordo com Toraharu Yamauchi, imigrante okinawano residente em Cuiabá, na escola onde estudava em Okinawa, os alunos eram forçados a aprender inglês e proibidos de falar o dialeto okinawano, o uchinaguchi.⁸ Okinawa foi devolvida ao Japão no dia 15 de maio de 1972, mas até hoje possui grande presença militar americana e forte hegemonia da cultura das ilhas do *mainland* japonês.

"Uchinanchu" é o termo pelo qual os nativos de Okinawa que migraram para diversas partes do mundo, incluindo seus descendentes nascidos nos mais diversos países, se autodenominam, na medida em que se identificam subjetivamente com a cultura okinawana e suas memórias. A ilha de Okinawa é bastante conhecida por suas praias, hoje ponto turístico relevante no Pacífico, com memórias de um passado imperial e de conflitos históricos. Atualmente, a economia é fomentada pelo setor pesqueiro e principalmente pelo turismo, sendo muito comum japoneses de outras províncias passarem férias na parte sul do país.

Em função da pobreza no Japão, e principalmente em Okinawa, após a Segunda Guerra Mundial, o movimento de emigração tornou-se comum no Japão a partir do final do século XIX até a primeira metade do século XX (YAMASHIRO apud HIGA, 2015).

⁷ Período de 45 anos em que o imperador Meiji deu início a modernização no Japão. Iniciou-se em 3 de fevereiro de 1867 e teve seu término em 30 de julho de 1912, com a morte do imperador.

⁸ Uchinaguchi é o dialeto oficial de Okinawa. Se pronuncia: U-ti-na-gu-tí.

Os okinawanos deram início à imigração em 1899, com destino ao Havaí, estado americano também no Oceano Pacífico. Após o Havaí, emigraram para os EUA, México e Canadá.

Em 1906, o Peru foi o primeiro país sulamericano a receber imigrantes okinawanos (HIGA, 2015). Em 1908, o navio *Kasato Maru*⁹ desembarcou no Brasil com 781 imigrantes japoneses, dos quais 325 eram propriamente okinawanos. No século XX, os okinawanos se espalharam por muitos outros países, como Taiwan, Bolívia, China, Filipinas e Cuba.¹⁰ O ápice da imigração japonesa e okinawana no Brasil se realizou a partir de 1945 até o início da década de 1960, embora a historiografia brasileira tenha a tendência de registrar a imigração como genericamente japonesa. O Japão estava devastado com a Segunda Guerra Mundial. Okinawa, que já apresentava taxas de pobreza, com os homens, mulheres e crianças padecendo pela fome imposta. Conforme relatos de imigrantes okinawanos residentes atualmente em Cuiabá, a terra em Okinawa já não era mais fértil, havia escassez de trabalho, comida e até mesmo água potável.

Nas décadas de 1960 e 1970, a imigração japonesa chegou a Cuiabá de modo mais incisivo, dando início à primeira geração de descendentes. Na capital de Mato Grosso, japoneses e okinawanos passaram a conviver genericamente como “imigrantes japoneses”, embora cada qual com seus hábitos e práticas culturais, em especial nos ambientes familiares, onde as diferenças culturais podiam ser praticadas na vida privada. Em Cuiabá, okinawanos e japoneses conviveram em comunidade como “nipo-brasileiros”, tendo como fator de unificação a fundação da Associação Nipo-Brasileira¹¹ em 1956. A reprodução de um imaginário especificamente uchinanchu se processava enfaticamente em reuniões entre famílias de okinawanos.

A família Yamauchi é uma das mais numerosas do grupo étnico em Cuiabá. Shinju Yamauchi tem quatro irmãos, todos casados com mulheres japonesas ou okinawanas, mas os descendentes todos já são nascidos no Brasil, e quase todos de uma

⁹ *Kasatu Maru* foi o primeiro navio que trouxe ao Brasil imigrantes japoneses, após um acordo estabelecido em o Japão e o Brasil.

¹⁰ Dados disponíveis em: <http://www.wub.gr.jp/english/con06/frameset.html> Último acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

¹¹ Mais informações em: <https://www.facebook.com/AssociacaoNipoDeCuiaba/>

geração nascida em Cuiabá, em pleno cerrado de Mato Grosso, e estes por sua vez casados com brasileiros das mais diversas matrizes étnicas.

Os irmãos Yamauchi reuniam a família, convidavam outras famílias okinawanas e realizavam festas que detinham características da imaginação uchinanchu: as reuniões proviam de socialidade a prática cultural de ouvir música e comer e beber em coletividade, o que incluía a audição de shimauta e Okinawa minyo e dança do kachashi. Na terra do rasqueado, do cururu e do siriri, havia noites no bairro do Porto, onde ainda mora da parte da família Yamauchi, em que canções de shimauta ou Okinawa minyo eram ouvidas e cantadas por grupos de familiares e amigos, sempre com fartura de comida e bebida, reproduzindo a imaginação okinawana e ryukyuna, que em muitos aspectos relacionam-se intensamente com as práticas culturais tipicamente cuiabanas.

Em Cuiabá, especificamente, as imagens desta socialidade okinawana se evidenciava numa espacialidade simbolicamente relevante, no caso dos irmãos Yamauchi: um quintal, elemento paisagístico recorrente na moradia tipicamente cuiabana, onde em geral são feitas reuniões de família para longos almoços de final de semana. Memórias na diáspora de okinawanos, portanto, foram criadas na busca por uma espécie de busca pelo enraizamento, o que foi possível na hospitalidade característica da imaginação historicamente intercultural da população cuiabana desde o século XIX.

Considerações finais

Duas fitas cassete, já sem uso pelas transformações dos equipamentos tecnológicos, são garimpadas em uma residência de okinawanos na Grande Cuiabá. A obsolescência da tecnologia implica em experiência de tempo, mas a experiência geográfica do enraizamento em território cuiabano-varzeagrandense também demanda um garimpo de memórias. Canções ouvidas por imigrantes, que celebravam memórias da terra natal, provavelmente se perguntam, nos dias hoje, o que seria terra natal, quando seus filhos, já brasileiros, nascidos em São Paulo ou em Cuiabá, ouvem minyo e shimauta como memória de uma ilha no Oceano Pacífico através de registros

midiáticos.

Os temas encontrados nas canções das fitas são recorrentes: paisagens naturais e modos de vida na ilha de Okinawa. Estas são memórias coletivas que os registros midiáticos virtualmente carregam a uma audiência que se dispõe a garimpar canções de música popular. Shimauta ou Okinawa minyo, seja qual for a designação pelas quais são conhecidas entre imigrantes, as canções encontradas na residência de Shinju Yamauchi evocam as reuniões da família Yamauchi com outras famílias okinawanas.

Entre memórias de Okinawa e o enraizamento em Cuiabá, as canções evocam imagens de festas okinawanas em espaço cuiabano. A invenção de lugares de subjetivação se atualiza através da socialidade que inclui prática de ouvir música e prática de comensalidade, tudo coletivamente, sugerem as memórias reinventadas por imigrantes no cerrado mato-grossense.

Uma análise parcial das fitas indica o imaginário comunicacional criado sobre as Ilhas Ryukyu no âmbito da música folclórica, os modos como os gêneros musicais foram reinventados conforme conveniência política e econômica da indústria fonográfica japonesa e ainda os motivos pelos quais milhares de okinawanos imigraram para o Brasil e outras partes do mundo. A relação entre música, mídia e diáspora, portanto, se evidencia na medida em que memórias de imigrantes tornam-se possíveis a partir do registro midiático, mas também em que medida a materialidade dos registros permitem acesso a um imaginário mediado pelas forças da modernização e da ocidentalização do mundo.

Referências bibliográficas

ALARCÓN-JIMENEZ, A. M. **Shima Uta**: of Windows, mirrors and the adventures of a travelling song. Dissertation (Master of Arts), 2009, 64 f. University of California, San Diego.

_____. “Shima Uta”, una canción de inspiración okinawense en Argentina. In: **CEIAP (Colección Española de Investigación sobre Asia e Pacífico)**, pp. 113-120, n° 03, 2010. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~feiap/ceiap3/ceiap/capitulos/capitulo07.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CHO, S. **The politics of difference and authenticity in the practice of Okinawan dance and music in Osaka, Japan.** Dissertation (Doctor of Philosophy/Antropology), 2014, 213 f. University of Michigan, Ann Harbor.

DEFRANCE, Y. Shima-uta recordings and competitions as a conservatory of living music in the Amami Islands. In: HEMETEC, U.; MARKS, E.; REYES, A. (ed.). **Music and minorities around the world: Research, documentation and interdisciplinary study.** New Castle: Cambridge Scholars Publishing, 2014.

GILLAN, M. **Songs from the edge of Japan: music-making in Yaeyama and Okinawa.** Farhan, Ashgate Published Limited, 2012.

HARTONG, J. L. **Musical Terms Worldwide.** Rome: The Hague, 2006.

HIGA, L. M. **Umi Nu Kanata/Do outro lado do mar: história e diferença na “comunidade okinawana brasileira”.** 2015, 246 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HOLMÉR, J. **Uchinaa-Yamatoguchi: yet another endangered variety on Okinawa?** Thesis (Bachelor in Japanese Studies). Center for Languages and Literature. Lund University, 2013, Lund.

KANASHIRO, V. U. **Cantos da memória diaspórica: representações, (des)identificações e performances de Mishima a Okinawa.** 2015, 248 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

KOIZUMI, F.; HUGHES, D. W. **Folk Music: Japan (Jap. Nihon [Nippon]).** *Oxford Music Online/Grove Music Online.* Disponível em:
<http://www.oxfordmusiconline.com/grovemusic/view/10.1093/gmo/9781561592630.001.0001/0-mo-9781561592630-e-0000043335>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

LIMA, V. A de. **Mídia: teoria e política.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

NOSENGO, N. **A extinção dos tecnossauros: histórias de tecnologias que não emplacaram.** Trad. Regina Silva. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

PIRES, S. R. **Os outros japoneses: festivais e construção identitária da comunidade okinawana da cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado em História (Universidade de São Paulo), 2016, São Paulo.

RABSON, S. Being okinawan in Japan: the Diaspora experience. **The Asia-Pacific Journal**, vol. 10, issue 12, number 2, March 12, 2012. Disponível em: <https://apjjf.org/2012/10/12/Steve-Rabson/3720/article.html>>. Acesso em 02 jul. 2018.

SANTAMARIA, M. **Capturing Ryukyu: (Re)Interpretations and receptions of Okinawan Culture and identity in cyberspace and the case of “Shima Uta” on Youtube.**

Disponível em: <http://publications.nichibun.ac.jp/region/d/NSH/series/symp/2011-11-30/s001/s019/pdf/article.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SOUZA, Y. N. **A comunidade uchinanchu na era da globalização: contrastando “okinawanos” e “japoneses”.** Tese (Doutorado em Antropologia), 169 f., 2009, Universidade de Brasília, Brasília.

TERUYA, L. K. **Performing Okinawan: bridging cultures through music in a diasporic setting.** Master of Arts in Asian Studies, University of Hawaii at Manoa, 2014. Disponível em: https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/100493/1/Teruya_Lynette_r.pdf>. Acesso em 02 jun. 2018.

YAMADA, M.; COTHER, S. Shimauta and society in Japan’s Southeastern Islands. **4th International Small Island Cultures Conference.** The Turku Archipelago, June 17th-20th, 2008. Disponível em:

<<http://sicri-network.org/ISIC4/i.%20ISIC4P%20Makoto%20&%20Cother.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2018.

Documentos online

ASSOCIAÇÃO OKINAWA KENJIN DO BRASIL. Disponível em: <http://www.kenren.org.br/kenjinkai/okinawa/>> Acesso em: 11 de fevereiro de 2018.

KINEMA (produtora) (2013). Sanshin. São Paulo, Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BeyxWxysooA>>. Acesso em 27 mai. 2018.

RECORDING INDUSTRY ASSOCIATION OF JAPAN. A indústria Fonográfica no Japão. 2005. <<http://www.abmi.com.br/website/arquivos/legislacao/japao.pdf>> Acesso em: 22 mai. 2018.

VISIT OKINAWA JAPAN. **A história de Okinawa.** Disponível em: <https://www.visitokinawa.jp/about-okinawa/history?lang=pt-pt> Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

RYUKYU SHIMPO. **Okinawa has highest poverty rate in Japan.** Disponível em: <http://english.ryukyushimpo.jp/2013/12/20/12627/> Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

OKINAWANDO. **Hajichi: a tatuagem da mulher okinawana.** Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

Entrevistas

TAKAHASHI, Ricardo Tsuyoshi. Entrevista concedida a Yaemi Yamauchi. Cuiabá, 10 set. 2017.

UEMA, Haruko. Entrevista concedida a Yuji Gushiken. Cuiabá, 02 jun. 2018.

YAMAUCHI, Adauto Satoshi. Entrevista concedida a Yaemi Yamauchi. Cuiabá, 10 set. 2017.

YAMAUCHI, Dande Shininchi. Entrevista concedida a Yaemi Yamauchi. Cuiabá, 10 set. 2017.

YAMAUCHI, Jair Misturu. Entrevista concedida a Yaemi Yamauchi. Cuiabá, 10 set. 2017.

YAMAUCHI, Shinju. Entrevista concedida a Yaemi Yamauchi. Cuiabá, 10 set. 2017.

YAMAUCHI, Toraharu. Entrevista concedida a Yaemi Yamauchi. Cuiabpa, 05 dez. 2017.

YAMAUCHI, Yoshiju. Entrevista concedida a Yaemi Yamauchi. Cuiabá, 05 dez. 2017.